

Beethoven com Beatles

Construindo inesperadas pontes entre popular e erudito, o jovem pianista André Mehmari faz Lennon e McCartney brotarem de uma sonata do compositor alemão

POR IRINEU FRANCO PERPETUO

Ele pode ser visto no estádio do Morumbi, vibrando com os gols do São Paulo. Ou nos bares da Vila Madalena, alternando goles de chope e cachaças mineiras. Ou, ainda, devorando hambúrgueres e batatas fritas em lanchonetes paulistanas, após se deliciar com *Os Incríveis*, a animação da Pixar. Ou, simplesmente, em sua casa, soando ruidosamente sua bateria enquanto acompanha o telejornal noturno.

Com apenas 28 anos, André Mehmari dificilmente corresponde ao sisudo estereótipo do "compositor erudito". No entanto, foi a ele que o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo encomendou uma obra para comemorar seu 70º aniversário. O resultado da parceria entre o célebre grupo e o jovem autor, que também transita pelo jazz e pela MPB, poderá ser apreciado no próximo dia 26, em um concerto no Espaço Promon.

"Uma de nossas funções", diz Marcelo Jaffé, violista do quarteto, "é estimular compositores de fora do grupo a escrever para a formação. Escolhemos o André porque ele representa muito bem a nova geração."

Arranjador, compositor e multiinstrumentista (parece um palavrão, mas que outro termo usar para definir alguém capaz de tocar qualquer artefato musical que lhe caia nas mãos?), Mehmari nasceu em Niterói e, ainda bebê, mudou-se para Ribeirão Preto. Tocou órgão em bairros locais e participou de grupos de jazz até 1995, quando se fixou em São Paulo e passou a estudar música na USP.

Em 1998, com 21 anos, se destacou nacionalmente ao vencer o 1º Prêmio Visa de MPB Instrumental, mostrando, ao piano, fluência e imaginação que logo lhe renderam comparações com dois de seus ídolos: Keith Jarrett e Egberto Gismonti. A estréia internacional aconteceu somente há cinco meses, no Spoleto Jazz Festival, nos Estados Unidos, em um trio com Sérgio Reze (bateria) e Zé Alexandre Carvalho (contrabaixo).

Apesar da pouca idade, Mehmari já deu ao menos uma importante contribuição à MPB: colocou em xeque a hierarquia que tradicionalmente estabelece que, nos trabalhos com cantores, o piano deve estar subordinado à função de acompanhamento da melodia "principal", entoad

pela voz. A partir de 2001, nas apresentações em duo com a cantora Mônica Salmaso, ele procurou urdir, em cada canção, uma intrincada e bem-humorada tapeçaria de contraponto, à qual não faltavam jogos de contração e dilatação do tempo musical. Um exemplo dessa sofisticação pode ser ouvido em *Iaiá*, mais recente disco de Salmaso, no qual o pianista enriquece *Sinhazinha (Despertar)*, de Chico Buarque, com um acompanhamento inusitado e desconcertante.

No ano passado, Mehmarí passou a fazer um trabalho análogo com a cantora Nã Ozzetti. A parceria resultou no disco *Piano e Voz*, incensado pela crítica. Entre 4/10 e 4/12, dentro do projeto *Natura Musical*, a dupla estará em turnê, divulgando o álbum em 12 capitais brasileiras, de Porto Alegre a Manaus, passando por Florianópolis, Curitiba, Brasília e São Paulo.

O fato de se colocar em posição de igualdade com o pianista não intimidou Ozzetti. "Desde o início, sabia que ia ser um trabalho em duo, com os dois intérpretes tendo a mesma importância", conta. "É uma delícia cantar com o André, porque um entende com facilidade o que o outro quer dizer musicalmente, sem ter de verbalizar."

México e Estados Unidos

Paralelamente à carreira de pianista popular, Mehmarí engatou uma produção importante como arranjador, recebendo encomendas de orquestras tão notáveis quanto a

Experimental de Repertório, a Jazz Sinfônica e a Osesp. Na pele de compositor erudito, foi laureado no concurso nacional Sinfonia para Mário Covas, no Pará, em 2001, e no Concurso de Composição Camargo Guarnieri, da USP, em 2003, com *Omaggio a Berio*. Nessa obra, ele aplica processos criativos inspirados no compositor italiano Luciano Berio (1925-2003) para retrabalhar um tema de outro autor peninsular, Claudio Monteverdi (1567-1643).

O cruzamento entre referências e estilos das mais diversas épocas e origens parece ser a característica principal de Mehmarí, seja como instrumentista, arranjador ou compositor. Na *Fantasia sobre É Doce Morrer no Mar para Piano e Orquestra*, tocada em julho no Teatro Municipal de São Paulo pelo pianista baiano radicado na Suíça Ricardo Castro, o niteroiense faz o famoso tema de Dorival Caymmi surgir da *Sonata Opus 110*, de Beethoven — assim como, dos arpejos introdutórios de outra sonata do compositor alemão, *Ao Luar*, ele faz brotar *Because*, dos Beatles, no disco *Piano e Voz*.

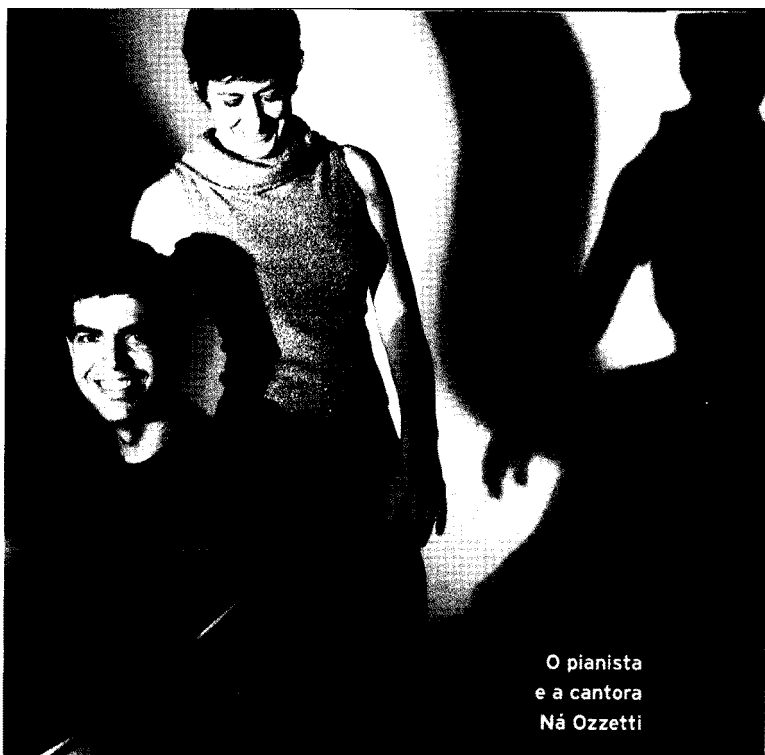
"Sempre me falaram da tal fronteira entre o erudito e o popular — que, na minha imaginação, se assemelha à fronteira dos Estados Unidos com o México, cheia de cães farejadores e inspetores", compara. "Não me lembro de ter cruzado tal fronteira. Meu país é a música. Acredito na existência de estilos e não de dois universos enormes e incommunicáveis. Gosto é de estabelecer pontes improváveis entre estilos aparentemente incongruentes."

Citações estão presentes também em *Angelus*, o quinteto para piano e cordas que Mehmari escreveu sob encomenda do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo e que executará pela primeira vez no Espaço Promon. Aqui, contudo, não há intromissões de música popular na obra. Com aproximadamente 25 minutos de duração, a peça está vazada em cinco movimentos, sendo dois com referências eruditas explícitas: o terceiro, *Warum*, reelabora o moteto a capela *Warum Ist das Licht Gegeben den Mühseligen*, de Brahms, enquanto o quarto, *Angelus*, parte de material do adágio do *Quinteto para Cordas em Ré Maior KV 503*, de Mozart.

"Não me levo tão a sério assim, mas levo a música muito a sério: ela me salva. Se há erudição ou inteligência no que faço, isso nasce espontaneamente, nunca de maneira muito pensada", afirma Mehmari. "Para mim, compor ou tocar tem de ser sempre muito divertido."

ONDE E QUANDO

André Mehmari (piano) e Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Programa: *Quarteto Opus 83*, de Elgar; *Quinteto Angelus para Piano e Cordas*, de Mehmari. Dia 26, às 21h. Espaço Promon (avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 1.830, São Paulo, SP, tels. 0++/11/3709-5737 e 0++/11/5213-4111). Ingressos: R\$ 20.



O pianista
e a cantora
Nã Ozzetti

O MELHOR DE MEHMARI

Depois de figurar em CDs de menor expressão, André Mehmari lançou, há três anos, pela gravadora Núcleo Contemporâneo, o seu primeiro trabalho solo, *Canto*. E aqui a palavra "solo" deve ser levada ao pé da letra. No disco, o compositor toca sozinho cerca de 20 instrumentos, em 12 faixas que privilegiam composições próprias, mas também abrem espaços para releituras, como a do tema folclórico *Mulher Rendeira*



(no qual o músico faz uso imaginativo do drum'n'bass) e a de *Cais*, uma transformação empolgante da canção original de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos.

Em 2004, contando com a qualidade superlativa dos equipamentos do selo Cavi Records, Mehmari tocou "apenas" piano em *Lachrimae*. No CD – que tem a participação de Mônica



Salmaso (voz), Dimos Gouderoulis (violoncelo) e Luca Raele (clarinete) –, ele elabora uma refinada rede de intertextualidades e citações, de Brahms a Nelson Cavaquinho, passando por criações próprias.

Por fim, neste ano, veio *Piano e Voz*, em duo com a cantora Nã Ozzetti. Produção independente licenciada pelo selo MCD, o álbum mergulha em um livre jogo de permutações, que



pode associar Beethoven a Beatles (em *Because*), Chico Buarque a Nino Rota (em *A Ostra e o Vento*) e Lupicínio Rodrigues a Egberto Gismonti (em *Felicidade*). ¶